



ESCOLAS PORTUGUESAS NO ESTRANGEIRO

NESTA EDIÇÃO

- // Editorial
- // Escolas com Currículo Português no Mundo:
 - Angola 3, 4, 5
 - Cabo Verde 6
 - Macau 7
 - Moçambique 8, 9
 - São Tomé e Príncipe 10, 11, 12
 - Timor-Leste 13
- // Breves 14

Paula Teixeira

// Diretora de Serviços de Ensino e das Escolas Portuguesas no Estrangeiro

Vamos começar de novo



As férias reforçaram as energias e alimentaram o nosso bem-estar, para em cada novo dia, deste novo ciclo que se inicia, enfrentarmos com vontade e determinação, os desafios pessoais e comuns.

Regressamos imbuídos deste espírito, para uma nova etapa igualmente gratificante, onde o processo de ensino e de aprendizagem, de gestão e de administração, de amizade e companheirismo se afirmam sobre as responsabilidades partilhadas.

A escola é o “nosso” espaço. Um “território” que ultrapassa fronteiras, que varia geograficamente, mas onde o desenvolvimento cognitivo e pessoal, a entajuda e o respeito pelo outro o definem como um local de crescimento, para todas as comunidades educativas.

Crescemos, ajudamos a crescer, sorrimos perante a desenvoltura que paulatinamente vamos adquirindo através da sedimentação dos conhecimentos partilhados, das relações pessoais e humanas que estabelecemos.

É sobre os laços que nos unem, envoltos na nossa missão, que iniciamos mais um ano escolar. Um período ao longo do qual sei que continuaremos a empregar a nossa energia, empenho e profissionalismo em torno da nossa maior riqueza: a Língua Portuguesa.

Desejo que cada dia do ano letivo de 2015/2016 vos acorde com a felicidade inerente a quem ensina e a quem aprende, enriquecendo, divulgando e ilustrando a nossa diversidade, honrando a nossa língua no presente e no futuro.

PROJETO DE APADRINHAMENTO – (RE)CONSTRUIR UMA ESCOLA



O Projeto Educativo do Colégio Português de Luanda tem como referência o projeto central de Educação para a Cidadania, “(Re)construir uma escola”, que orienta toda a nossa ação educativa, dando sentido e coerência aos restantes projetos e atividades desenvolvidos.

Apesar de termos integrado sempre projetos sociais na nossa dinâmica institucional, sentimos necessidade de desenvolver ações mais consistentes e de criar parcerias sólidas, promovendo também um maior envolvimento dos nossos alunos e encarregados de educação. Surgiu assim a colaboração com a Associação de Escolas Comunitárias (AEC), que trabalha na escolarização em comunidades mais carenciadas na periferia de Luanda, e o apadrinhamento de uma das suas escolas - a Escola Prevenir o Futuro, situada no município do Cazenga.

Neste contexto, nos últimos três anos, a nossa ação tem sido desenvolvida em torno de três eixos fundamentais: a melhoria das condições físicas e dos recursos educativos da escola, a formação de professores e a interação entre os alunos das duas instituições- Colégio Português e Escola Prevenir o Futuro.

O trabalho realizado decorreu da consecução de projetos de turma e de diversas atividades que integram o nosso Plano Anual de Atividades, envolvendo pais, alunos, professores e outros intervenientes, individuais e coletivos, que

Atividade de intercâmbio: alunos do 8.º ano do Colégio Português apresentam uma aula especial de Língua Portuguesa aos colegas mais novos da Escola Prevenir o Futuro.

quiseram juntar-se a nós neste projeto solidário. O arraial do Colégio Português, uma tradição da instituição com mais de uma década, tem contado com a participação da AEC nas últimas três edições e é também um momento importante na divulgação do projeto de apadrinhamento. De facto, acreditamos sempre na capacidade de despertar nos nossos alunos e nas suas famílias o sentido da entrega e da solidariedade.

Toda esta dinâmica permitiu-nos angariar fundos e materiais para a melhoria das infraestruturas já existentes e para a construção de novas salas de aula. Neste momento, as obras previstas estão praticamente finalizadas, contudo o projeto está longe de terminar. Os nossos alunos pretendem agora embelezar as salas de aula, vestir as paredes com cor, pintar murais e elaborar cartazes didáticos. As doações de mobiliário, material informático e material escolar diverso, principalmente de livros e manuais escolares, têm sido também um dos pontos fortes da parceria com a AEC, sendo um dos nossos objetivos o aumento do acervo da biblioteca da

Escola Prevenir o Futuro.

A nível da formação de professores, esta decorre todos os anos nos meses de maio e junho, numa das escolas da AEC ou nas próprias instalações do Colégio Português, sendo trabalhados temas de diversas áreas do saber, de acordo com as necessidades identificadas pelos próprios docentes das escolas associadas. Este ano, uma vez mais, a equipa pedagógica do Colégio Português dinamizou uma série de ações de formação para grupos de cerca de 50 professores, no âmbito das disciplinas de Português, Matemática, Informática, Ciências, Educação Musical e Psicologia. Estas formações constituem uma experiência muito enriquecedora para todos os intervenientes e são momentos de partilha de saberes, de estratégias de trabalho para a sala de aula e de materiais e recursos pedagógicos.

E é nesta linha que pretendemos continuar a intervir. Agradecemos a todos os que, com empenho e dedicação, deram o seu contributo para pôr em prática o nosso plano de ação.

IDENTIDADE CULTURAL

A valorização da identidade cultural é uma das matrizes da Escola Portuguesa de Luanda (EPL) traduzida na realização de atividades que a sedimentam.

Deste modo, no que respeita ao desenvolvimento do gosto pela música, a EPL sempre estabeleceu um contacto estreito com os músicos locais, nomeadamente, com Nelo Carvalho e com Nanutu que atuaram neste estabelecimento de ensino, a convite da Associação de Estudantes da Escola Portuguesa de Luanda. Alguns dos concertos realizados no auditório da escola e abertos a toda a comunidade destinaram-se, simultaneamente, a angariar fundos para a associação Aldeia S.O.S do Lubango.

Promoveram-se também algumas atividades, entre professores e alunos, visando divulgar os usos e costumes de Angola.

No domínio da literatura, organizaram-se visitas e palestras que contaram com a presença de escritores angolanos, de entre os quais se destacam as intervenções de Pepetela, Celestina Fernandes e Maria Eugénia Neto. Estes encontros propiciaram a divulgação das obras destes escritores junto dos alunos e favoreceram a interação, permitindo desenvolver o gosto pelo património literário angolano.



Dr. Vaz Pinto e a Palanca Negra Gigante



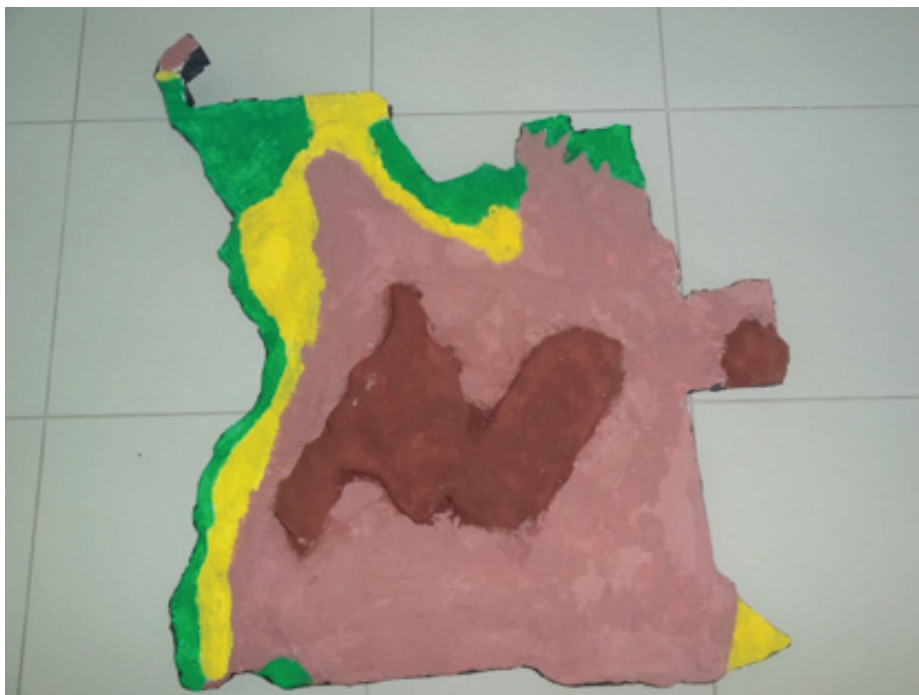
Pepetela no auditório da escola

Finalmente, importa realçar as atividades implementadas no âmbito do projeto de proteção e conservação da Palanca Negra Gigante, espécie endémica de Angola, que só pode ser encontrada na Província de Malanje. Este projeto desenvolvido pelo Dr. Pedro Vaz Pinto foi divulgado entre os nossos alunos. Acresce ainda que este animal é um símbolo nacional presente no logótipo de inúmeras empresas e instituições locais pelo que esta atividade se revestiu de grande importância pois favoreceu o contacto dos alunos com mais um aspeto emblemático angolano.

“SENTIR ANGOLA”

O Colégio S. Francisco de Assis, em Luanda Sul, é uma instituição de ensino português em Angola, pelo que defende a construção do conhecimento da história e da geografia deste país que o acolhe, permitindo o estudo do território e das características naturais, das gentes, dos dialetos, dos hábitos e costumes, das histórias e do percurso político, social, económico e cultural. Por este motivo, os alunos do 2.º ciclo têm como oferta complementar, no currículo, a disciplina de História e Geografia de Angola.

Assim, pelo segundo ano consecutivo, no âmbito desta disciplina, os alunos desenvolveram o projeto “Sentir Angola”, que lhes permitiu aprofundar os conhecimentos sobre o país onde estudam, através da construção de mapas tridimensionais, demonstrativos da realidade geográfica angolana e que estiveram expostos, durante a feira de projetos, realizada no desfecho do ano letivo. Para dar consecução a este projeto, os alunos do 5.º ano construíram puzzles que representam



as dezoito províncias de Angola e os do 6.º construíram mapas representativos do relevo do país, tendo ainda sido organizado um ateliê de construção de adereços, usando tecidos típicos africanos.

Ainda com este pressuposto, têm sido promovidas visitas de estudo a museus, nas quais se têm envolvido alguns atores educativos, a saber, os docentes, os alunos e as respetivas famílias. Estas atividades propiciaram o aprofundamento de saberes sobre a História e a Geografia de Angola.

Por fim, salienta-se as visitas realizadas ao Museu de História Natural sito na Fortaleza de S. Miguel e ao Memorial António Agostinho Neto que se revelaram muito enriquecedoras.

DIA DA CRIANÇA... UM DIA ESPECIAL!



Este foi sem dúvida um dia especial.

Os alunos já sabiam o que os esperava, uma ida ao cinema recheada de surpresas. Afinal era o dia deles.

Fomos ver o filme “O fabuloso Sr. Raposo”, as crianças estavam entusiasmadas e a alegria estava estampada nos seus rostos, pois o cinema abriu portas apenas para nós.

Todos se sentaram onde queriam e com quem queriam ter ao seu lado. No intervalo, houve pipocas e sumo para toda a gente e continuavam todos com aqueles belos sorrisos de alegria.

Durante a tarde, foram abordadas as diferentes realidades culturais, entoada uma canção alusiva ao Dia da Criança, visionado um **powerpoint** sobre os direitos das crianças e foram elaborados desenhos alusivos ao tema.

Para terminar o dia em cheio, nada como um belo lanche regado com sumo.

ESCOLA PORTUGUESA DE MACAU RECEBE PRÊMIO IDENTIDADE 2014

Em 2014, o Instituto Internacional de Macau atribuiu o Prémio Identidade à Escola Portuguesa de Macau (EPM), uma distinção criada em 2003 “para contemplar em cada ano uma personalidade ou instituição que tenha contribuído de forma continuada e consequente para a identidade de Macau”. A Escola Portuguesa – que se encontra já no seu décimo sexto ano de atividade – vê, assim, o seu trabalho reconhecido na área da formação em português na Região Administrativa e Especial de Macau (RAEM).

O momento foi de claríssima consciência do papel que a EPM se propôs desempenhar desde que delineou o seu projeto educativo e que não é senão o de contribuir para a preservação da língua e da cultura portuguesas na RAEM, uma “responsabilidade, uma vez que esta instituição tem a obrigação de não deixar apagar a memória cultural a que está ligada, sendo sua obrigação aprofundá-la ainda mais”, afirmou o Presidente da Direção da EPM, Manuel Machado.

Desta forma, a escola age “discreta no meio dos outros” e “nunca abandonou o seu ponto de partida”, isto é, “o sonho nunca extinto no fundo do seu ser”. A expressão é do professor e ensaísta Eduardo Lourenço ao referir-se à singularidade portuguesa, mas sintetiza – e, em nosso entender, de modo preciso – a linha de atuação que a EPM se impôs desde sempre no sentido da preservação daquele que é um dos traços da identidade macaense.

A cerimónia da atribuição deste prémio decorreu, a 24 de outubro, nas instalações da EPM, com a presença da sua Direção e dos Administradores da Fundação Escola Portuguesa de Macau, bem como de toda a comunidade educativa. Na ocasião, o Presidente do Instituto Internacional recordou personalidades e instituições agraciadas com esta distinção e caracterizou a Escola Portuguesa como “herdeira” de legados centenários do ensino em língua portuguesa na cidade, como a Escola Comercial Pedro Nolasco e o Liceu de Macau.

O Presidente da Direção da EPM afirmou ser esta uma distinção que honra não somente a Escola, mas também aquela que referiu como a “sua principal obreira ao longo de quinze anos”, Dr.^a Maria Edith da Silva. O estatuto alcançado, sublinhou o Presidente da Direção da EPM, no final da cerimónia, é motivo de encorajamento para o trabalho desenvolvido nesta instituição, que espera continuar à altura do desafio que abraçou.



MOÇAMBIQUE

ESCOLA LUSÓFONA DE NAMPULA

O M'SIRO OU MUSSIRO

Em linhas gerais, a nossa reflexão far-se-á em torno da mulher macua com seus hábitos e costumes e, por esse motivo, convém realçar o seguinte: a província de Nampula, com a capital do mesmo nome, localiza-se na região Norte de Moçambique. Nampula possui vinte e três distritos, razão pela qual, é uma das províncias mais populosas do país. Geograficamente faz fronteira a sul com a província da Zambézia, a oeste com Niassa, a norte com Cabo Delgado e a leste com o Oceano Índico. Importa ainda sublinhar que esta província possui um potencial cultural diversificado e que a Escola Lusófona de Nampula se situa na capital.

O M'siro ou Mussiro

A beleza da mulher do norte usando "mussiro". O mussiro é o caule de uma árvore que se fricciona numa pedra, ficando em estado húmido e farinhento. Antigamente, o mussiro era usado na preparação da rapariga para o matrimónio. Atualmente, o mito tem outras aplicações. No entanto, a realidade é que a massa assim obtida aplica-se no rosto, secando depois.

No passado, feliz era o homem que tinha ao seu lado uma mulher que preservava a sua tradição. Naquela altura, era fundamental manter a estética e a boa aparência, isto é, as mulheres deviam evidenciar uma pele macia e bem cuidada, isto era importante e belo.

Para o tratamento da pele, as mulheres macuas, com mais destaque para as da zona costeira, recorriam a um pequeno arbusto cientificamente denominado Olax dissitiflora, do qual se produz um creme, localmente conhecido por m'siro ou mussiro, para aplicar no corpo para o rejuvenescimento da pele.

Ora vejamos, este hábito e costume macua vem sofrendo alterações, devido às práticas modernas que as mulheres põem em ação. Mas, apesar deste afluxo moderno de uso de cosméticos industrializados, o Mussiro continua presente no rosto das mulheres em



feriados nacionais ou mesmo em certos ritos cerimoniais o que significa que este hábito é indelével, independentemente da globalização, ele é inconfundível e é praticado no dia-a-dia na vida das cidadãs, tal como ilustra a foto. De facto, nos dias de feriado nacional, as mulheres, oriundas de diferentes zonas residenciais da cidade de Nampula, dirigem-se à Praça dos Heróis Moçambicanos com o objetivo de ganhar dinheiro, pintando a cara das outras senhoras e jovens que desejam usar o Mussiro.

Tavares da Silva Damião, professor de Filosofia

A TERRA ONDE NASCEMOS

Vem de longe

Com o tempo.... E é deste tempo de histórias e de vidas que falamos sobre Moçambique que conhecemos, que (re)vivemos e partilhamos no nosso dia a dia, duma terra que alguém já denominou da “Pérola do Índico”.

José Craveirinha

A Escola Portuguesa da Beira encontra-se em Moçambique, um país da África Austral situado na costa do Oceano Índico, mais propriamente na cidade da Beira, Província de Sofala, zona centro do país.

Zona rica em tradições e caracterizada pela multiculturalidade provocada pelas várias influências dos povos visitantes que, ao longo dos séculos, utilizaram a baía de Sofala como porta de entrada para o interior do Império de Monomotapa ou Mwenemutapa. Já no século X, o estudioso viajante árabe, Al-Masudi descreveu uma importante atividade comercial entre as nações da região do Golfo Pérsico e os “Zanj” (os negros) da “Bilad as Sofala”, que incluía grande parte da costa norte e centro do atual Moçambique.

A penetração portuguesa em Moçambique teve início no séc. XV, mas só em 1885 se transformou numa ocupação militar, que levou, nos primórdios do século XX, a uma verdadeira administração colonial que durou até à data da independência: 25 de Junho de 1975.

Com aproximadamente 25 milhões de habitantes pertencentes a 16 grupos étnicos principais, sendo os mais importantes: no Norte, os Macondes e os Macuas; no Centro, os Senas, os Ndaus e os Shonas e, no Sul, os Changanas. O país tem também uma percentagem de população urbana, com uma diversificação étnica diferente: descendentes de asiáticos (indianos, paquistaneses e chineses) e os descendentes dos portugueses e dos gregos. Também nos últimos anos, o país passou a ter uma população residente oriunda da Europa, da Ásia, da América do Sul e da África. Os últimos dados

disponíveis apontam para mais de 1% da população.

Cada um dos grupos étnicos populacionais tem a sua língua materna. Moçambique tem aproximadamente 43 línguas, das quais 41 são línguas bantu, chamadas na Constituição as “línguas nacionais” e as restantes são o português (língua oficial) e a língua gestual. A língua portuguesa é falada em todos os contextos, particularmente, pela população urbana.

A Literatura Moçambicana é, geralmente, escrita em língua portuguesa misturada com expressões moçambicanas, como se pode verificar nas obras dos escritores José Craveirinha, Paulina Chiziane, Mia Couto, Heliodoro Baptista... Destaque-se que os dois últimos nasceram e cresceram na cidade da Beira.



Quadro de Silva Dundero

É da Beira o pintor e escultor Silva Dundero e é também em Sofala que se localiza o famoso Parque Nacional da Gorongosa.

Mas é na música que se encontra uma das mais importantes manifestações da cultura deste país. A música tradicional tem características bantu e influência



Timbila na escola

árabe principalmente na zona Norte e, como tal, é normalmente criada para acompanhar cerimónias sociais, principalmente na forma de dança. Já a música comercial tem raízes na música tradicional, mas, muitas vezes, usa ritmos e tecnologias importadas de outras culturas. Um dos tipos de música comercial mais conhecidos é a marrabenta, originária do Sul do país, que não é apenas música e dança, mas tem frequentemente uma letra com grande conteúdo social.

A timbila chope, um instrumento musical tradicional, foi considerada pela Unesco, em 2006, Património Imaterial da Humanidade.

Apesar de toda a tradição envolvente, a Beira é uma cidade moderna que vive o 3º boom de crescimento nos seus 100 anos de existência como cidade (1907) - o 1.º foi nos finais dos anos 60 (Taxa de crescimento de 95,5% entre 1960 e 1970) com o desenvolvimento do porto para navios de grande calado o que trouxe, não só crescimento, mas também desenvolvimento em todas as áreas económicas e sociais; O 2.º foi com o início da guerra civil que “empurrou” para a cidade a população rural fugida da guerra (a população passou de cerca de 113.000 habitantes, em 1980, a mais de 412.000, em 1997). Esta 2.ª vaga de crescimento quase destruiu a cidade, que não estava preparada para este fluxo migratório, e que enfrentava grandes problemas de abastecimento de água, energia e de manutenção da rede de saneamento. A 3.ª era de crescimento que se vive desde 2010 está intimamente ligada à crise na Europa e ao consequente aumento da emigração, sobretudo, de portugueses.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

ESCOLA PORTUGUESA DE SÃO TOMÉ

CULTURAS E COSTUMES



São Tomé e Príncipe é um país de tradições, com uma cultura multifacetada.

De facto, a gastronomia deste país é não só um reflexo do cruzamento de culturas e costumes, mas principalmente dos recursos naturais existentes.

Um dos pratos tradicionais mais confeccionado pelos santomenses é o “Calulu” de peixe fumado, sendo considerado património histórico-cultural. Esta iguaria é influenciada pela fauna e flora próprias deste país, devido à grande quantidade de espécies vegetais e à abundância e variedade de peixes existentes no mar que banha estas ilhas.

Em São Tomé e Príncipe, o “Calulu” é, normalmente, confeccionado em dias festivos e saboreado em família. Quem prova esta iguaria diz que possui um paladar requintado e singular, devido ao sabor característico do peixe fumado e à mistura de folhas de mais de vinte espécies vegetais diferentes que lhe confere uma intensidade única. É acompanhado com farinha de mandioca torrada, arroz branco e angu de banana (massa de banana prata ou pão “moída”). É um prato obrigatório para todos os visitantes deste país, não só pela experiência degustativa mas, também, para melhor conhecerem a cultura gastronómica local.

Outra manifestação cultural, tipicamente santomense, é a dança tradicional “Socopé”. É um folclore de ritmo síncope e é dançado com movimentos específicos dos pés. As músicas do “Socopé” são cantadas em dialetos e transmitem mensagens de amor, harmonia, de fé e de crítica a acontecimentos ocorridos nas comunidades. O traje é caracterizado por cores vivas e padrões vistosos, tanto na indumentária feminina como na masculina. Existem grupos organizados de pessoas que dançam “Socopé” em festas tradicionais e em demonstrações turísticas.

Concluindo, o “Calulu” e o “Socopé” representam singularidades importantes na identidade gastronómica e cultural de São Tomé e Príncipe.

“TA O FORO KUMA CUA SÁ”

A minha opinião sobre o crioulo são-tomense: “Ta o foro kuma cua sá”

Rapidamente associamos, por exemplo, um habitante que viva em Espanha como espanhol, e sendo espanhol, automaticamente se chega à conclusão que fala espanhol, assim como um inglês fala inglês ou um francês fala francês. Mas e um são-tomense?

Para quem sabe um pouco de história, não é segredo que São Tomé e Príncipe era uma colónia portuguesa, e a partir desse facto, qualquer estrangeiro conclui que a língua de um são-tomense é de origem lusitana. E é verdade! Cerca de noventa e cinco por cento dos são-tomenses sabe falar português. Muito bem, até aqui. No entanto, algo está a ser esquecido, e cheguei ao ponto onde queria chegar: não há mais línguas que se devam associar a um são-tomense?

Em São Tomé e Príncipe, para além do português, temos o “forro”, a língua do povo que para muitos populares é uma marca nacional, temos o crioulo cabo-verdiano, trazido por imigrantes cabo-verdianos, e ainda temos o angolar, um crioulo falado a sudeste da ilha de São Tomé; há também vestígios de mais crioulos falados na ilha do Príncipe, embora falados por uma minoria.

Sinceramente, antes de vir para São Tomé, tinha a noção básica de que havia, algures nesta ilha, uma língua nativa falada por pessoas locais, que viviam em cima de árvores no meio da selva. Isto era a minha imaginação a funcionar há dez meses atrás. Chego cá, deparo-me com uma variedade e riqueza linguística apetecíveis!

Guloso como sou, quis aprender a falar “forro”, que mais tarde veio a ser-me mais útil que um canivete suíço. Um exemplo: estou a andar na rua, aparece-me uma senhora e diz-me: “Blancoê, damo dexe mili contos”. Um típico português que viva cá, ou ignoraria, ou dava dez mil, ou ainda responderia mal. Eu respondi “Tia, qui nova sa hoje? Leve-leve só, dá-me tu a mim dez contos para apanhar motoqueiro.” Claro, não me deu as tais dez mil dobras, mas fiz uma amiga! Agora, sempre que saio do autocarro falamos. Com umas poucas palavras em “forro”, consegui quebrar uma barreira.

Na minha opinião, não partilho o mesmo entusiasmo com os jovens são-tomenses, a nova geração já só sabe falar português. Atenção, não tenho nada contra isso, aliás, acho muito bem que o português esteja na boca de todos, mas esquecer o resto é um atentado cultural.

Vamos lá São Tomé, a nossa maior riqueza é a cultura, a cultura é o que nós somos, é aquilo que define um país!

la-me esquecendo... um amigo meu traduziu-me de português para “forro” o título do texto, dedicado a São Tomé e Príncipe: Nunca te esqueças de quem tu és.

Alberto Abreu, 11º CTB



DIALETOS

As ilhas de São Tomé e Príncipe estiveram desabitadas até 1470, ano em que os navegadores portugueses João de Santarém e Pedro Escobar as descobriram.

A sua riqueza cultural tem origem na miscigenação entre portugueses e nativos oriundos da costa do Golfo da Guiné, de Angola, de Cabo Verde e de Moçambique. Desta forma, os três crioulos mais falados no país são: Forro, Angolar e Lungüé. O dialeto forro era mais falado pela população livre e mestiça da cidade (e ainda é) o crioulo mais falado em São Tomé. O angolar, tal como a palavra indica, tem origem nos nativos angolanos trazidos para a ilha. É o dialeto mais falado no sul da ilha de São Tomé. O lungüé ou principense é o dialeto mais falado na ilha do Príncipe.

Na Escola Internacional de São Tomé e Príncipe os nossos alunos pesquisaram e trabalharam este tema e descobriram coisas bastante interessantes.

Sabiam que qualquer um destes dialetos não utiliza "r"s? Que ainda hoje é facilmente trocado o "r" pelo "rr"? Que existem muito poucos registos escritos destes dialetos? Que a maior parte da população sabe falar mas não sabe escrever estes crioulos?

Outra curiosidade prende-se com os contributos culturais que vêm também da pintura, da escultura, do artesanato e também da dança - Socopé (só com o pé), na Ússua, Puita, Danço-Congo, Bligá, Stleva, entre outras - e das encenações – o Tchiloli, Auto de Floripes.

Registe-se, por fim, que os nossos alunos também exploraram este tema e que nos presentearam com estas danças tão culturais.



CAFÉ

O café é, ainda hoje, um dos principais produtos de São Tomé e Príncipe. Tendo já sido a maior matéria-prima do país, mas com a desativação das roças, não se produz tanto café. No entanto, ainda é cultivado, colhido, embalado e exportado. Recentemente, a quantidade de café exportada para a Europa voltou a aumentar, sobretudo para o mercado francês.



Uma das roças que continua o cultivo do café é a Roça de Monte Café, na região de Mé-Zochi, no centro da ilha de São Tomé, que também é constituída por um museu.

Para melhor entendermos a importância e a produção do café, no Dia Mundial do Café, 14 de Abril, a Escola Bambino foi visitar o Museu do café!



Como se faz o café?

O fruto do café é vermelho e pequenino. Quando abrimos o fruto, lá dentro, tem dois grãos. Primeiro, esses grãos são verdes, mas depois são postos a secar em cima de umas placas de madeira, dentro de umas estufas muito grandes de plástico. A seguir, nós esprememos o grão e, como está seco, o grão sai de dentro de uma casquinha. Nós esprememos para experimentar, mas no museu fazem isso numa máquina própria, de onde saem muitos grãos de cada vez. Depois ficam a secar mais tempo e depois vão para uma outra máquina que tem um manivela para rodar e torrar o café. Quando os grãos estão torrinhos são guardados em grandes sacos e pesados numa balança enorme. Os grãos depois de torrados já cheiram a café!

Grupo dos 5-6 anos do Jardim de Infância Bambino

TIMOR-LESTE

ESCOLA PORTUGUESA RUY CINATTI, DÍLI

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE RUY CINATTI

No dia 8 de março, celebrou-se com um Porto de Honra o centenário do nascimento de Ruy Cinatti, patrono da nossa escola, em parceria com o Arquivo e Museu da Resistência Timorense e com o Arquivo Nacional de Timor-Leste.

Poeta, antropólogo e agrónomo, Cinatti nasceu em Londres em 1915. Estudou agronomia e trabalhou nessa área durante alguns anos, tendo sido responsável pela classificação de duas novas espécies de plantas. Foi fundador de várias revistas literárias e ganhou o Prémio Nacional de Poesia.

Em 1946, descobriu e apaixonou-se por Timor, onde exerceu várias funções ao serviço do estado português. Mas a sua verdadeira paixão era a cultura do povo, as suas tradições e costumes que o inspiraram a escrever várias obras que são, hoje, referências no conhecimento etnográfico do país.

Esta forte ligação ao povo timorense levou-o a celebrar pactos de sangue com dois Liurais (régulos) que o uniram para sempre a Timor.

Na comemoração desta data simbólica estiveram presentes o Senhor Embaixador de Portugal, Dr. Manuel de Jesus, o Dr. Mari Alkatiri, bem como o General Lere, entre outras individualidades.

Os nossos alunos foram as figuras principais da festa e, na abertura da cerimónia, declamaram poemas de Ruy Cinatti numa flash mob que surpreendeu o público. A declamação de poemas continuou, intercalando músicas tradicionais portuguesas e timorenses, interpretadas pelo coro e orquestra da escola.

O padre Peter Stilwell, amigo e biógrafo de Cinatti, não podendo estar presente, partilhou com os convidados um texto

comovente onde recordou memórias da sua infância com o poeta. *Timor era a sua paixão – escreveu – Por essa e por tantas outras razões, teria muito orgulho em ser hoje recordado em Díli, e ainda mais por ver o nome associado à vossa escola.*

O poeta foi também evocado pelo maestro Simão Barreto que nos presenteou com o testemunho da amizade entre ambos. O momento mais emocionante da tarde foi proporcionado pelos familiares dos Liurais com quem Ruy Cinatti fez um pacto de sangue, pois partilharam com os presentes a história que ouviram contar desse momento sagrado que selou para sempre a ligação do poeta a Timor.

A cerimónia culminou com o descerrar de uma placa comemorativa do centenário e com a inauguração da exposição dos trabalhos dos alunos.



CRIAÇÃO DA ESCOLA PORTUGUESA DE CABO VERDE - CENTRO DE ENSINO E DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA ESCOLA PORTUGUESA DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE - CENTRO DE ENSINO E DA LÍNGUA PORTUGUESA

O Conselho de Ministros aprovou em 13 de agosto último a criação da Escola Portuguesa de Cabo Verde - Centro de Ensino e da Língua Portuguesa e da Escola Portuguesa de S. Tomé e Príncipe - Centro de Ensino e da Língua Portuguesa, aguardando-se a publicação dos respetivos diplomas.

NOVA ESCOLA EM LUANDA

Em Luanda, mais uma escola privada iniciou o seu funcionamento seguindo o currículo e os programas portugueses: a Escola Camilo Castelo Branco. Este estabelecimento de educação e de ensino disponibiliza a educação pré-escolar e os 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico.

ESCOLA PORTUGUESA DE MOÇAMBIQUE - CENTRO DE ENSINO E DA LÍNGUA PORTUGUESA CRIA POLO NA MATOLA

O novo regime jurídico da Escola Portuguesa de Moçambique - Centro de Ensino e da Língua Portuguesa prevê a criação de polos fora de Maputo como forma de expansão da língua e do ensino.

Face ao elevado número de alunos que frequentam a Escola Portuguesa e com o aumento da procura, desenvolveram-se todas as diligências para garantir, já para o próximo ano escolar, a abertura de um polo na Matola.

FICHA TÉCNICA

Proprietário // DGAE

Morada //

Avenida 24 de julho, 142
1399-024 Lisboa

Diretora // Maria Luísa Oliveira

Subdiretora // Suzana Maximiano

Sede de Redação //

DGAE - Avenida 24 de julho, 142
1399-024 Lisboa

Editor // Paula Teixeira

Colaboradores // Escolas Portuguesas no Estrangeiro

Periodicidade: trimestral

Isenta de Registo na E.R.C., ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, artigo 12º, n.º 1, alínea b).

AGRADECIMENTOS

// Aos diretores das Escolas Portuguesas no Estrangeiro.

// Aos Professores e Alunos das Escolas Portuguesas.

// A Ernesto da Fonseca, pelo design gráfico e paginação.